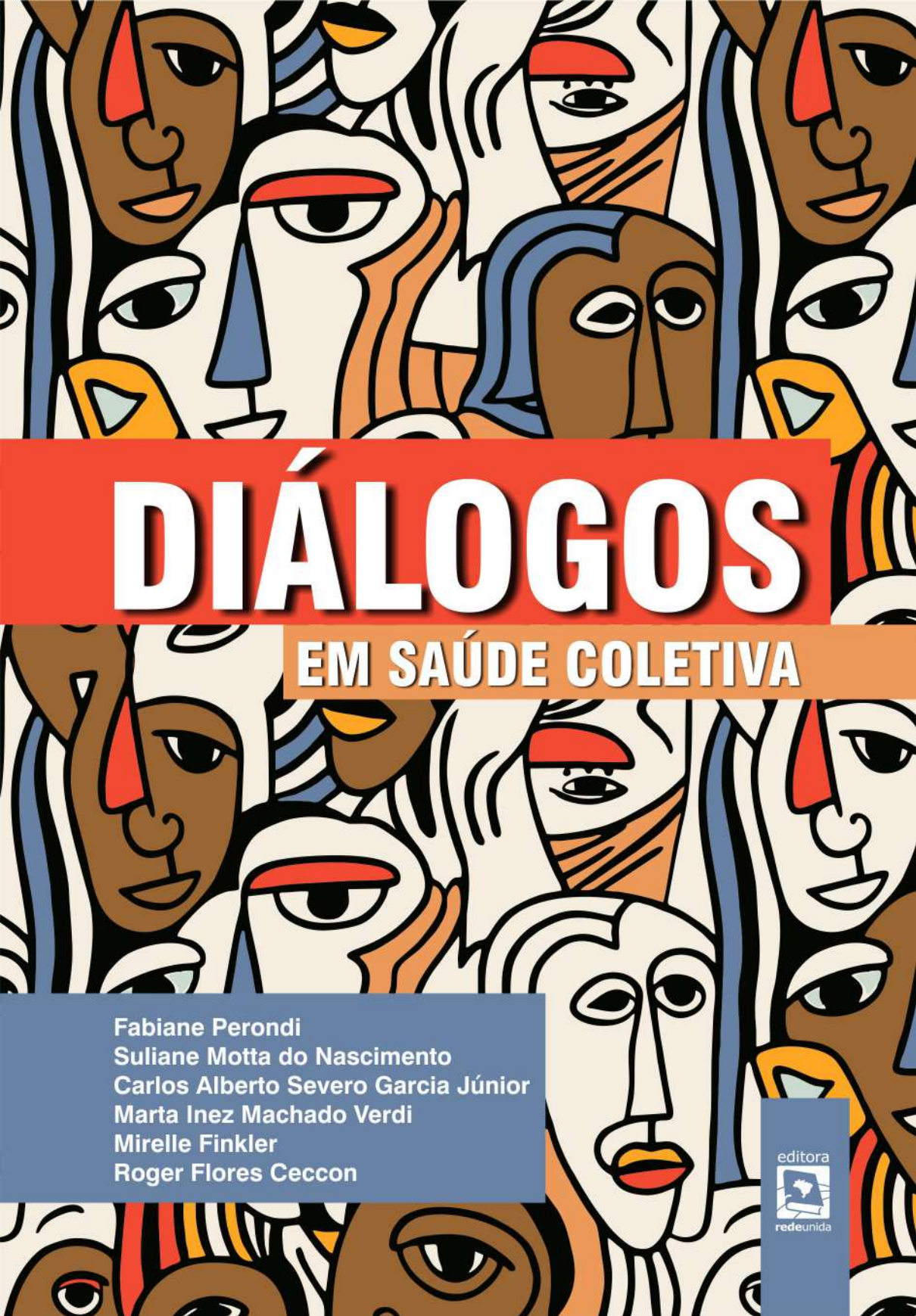


DIÁLOGOS

EM SAÚDE COLETIVA

Fabiane Perondi
Suliane Motta do Nascimento
Carlos Alberto Severo Garcia Júnior
Marta Inez Machado Verdi
Mirelle Finkler
Roger Flores Ceccon

editora
redeunida



A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 300 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página
https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa das vidas de todos e todas.
Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA
https://editora.redeunida.org.br/

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br



ORGANIZADORES

Fabiane Perondi
Suliane Motta do Nascimento
Carlos Alberto Severo Garcia Júnior
Marta Inez Machado Verdi
Mirelle Finkler
Roger Flores Ceccon

Série Interlocuções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde

DIÁLOGOS
EM SAÚDE COLETIVA

1ª Edição

Porto Alegre

2026

editora
redeunida

Copyright © 2026 by Fabiane Perondi, Suliane Motta do Nascimento, Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Marta Inez Machado Verdi, Mirelle Finkler, Roger Flores Ceccon e Associação Rede Unida



Este trabalho está licenciado sob a licença Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)

Coordenador Geral da Associação Rede UNIDA
Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial
Editores-Chefes: Alcindo Antônio Ferla e Hêider Aurélio Pinto
Editores Associados: Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Denise Bueno, Diéssica Roggia Piexak, Fabiana Mânica Martins, Fernanda Cornelius Lange, Frederico Viana Machado, Jacks Soratto, João Batista de Oliveira Junior, Júlio César Schweickardt, Károl Veiga Cabral, Márcia Fernanda Mello Mendes, Márcio Mariath Belloc, Maria das Graças Alves Pereira, Michelle Kuntz Durand, Quelen Tanize Alves da Silva, Ricardo Burg Ceccim, Roger Flores Ceccon, Sheila Rubia Lindner, Stela Nazareth Meneghel, Stephany Yolanda Ril, Suliane Motta do Nascimento, Virgínia de Menezes Portes

Conselho Editorial
Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);
Alcindo Antônio Ferla (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Àngel Martínez-Hernáez (Universitat Rovira i Virgili, Espanha);
Angelo Stefanini (Università di Bologna, Itália);
Ardigó Martino (Università di Bologna, Itália);
Berta Paz Lorido (Universitat de les Illes Balears, Espanha);
Celia Beatriz Iriart (University of New Mexico, Estados Unidos da América);
Denise Bueno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Emerson Elias Merhy (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil);
Êrica Rosalba Mallmann Duarte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Francisca Valda Silva de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil);
Hêider Aurélio Pinto (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil);
Izabella Barison Matos (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);
Jacks Soratto (Universidade do Extremo Sul Catarinense);
João Henrique Lara do Amaral (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil);
Júlio Cesar Schweickardt (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil);
Laura Camargo Macruz Feuerwerker (Universidade de São Paulo, Brasil);
Leonardo Federico (Universidad Nacional de Lanús, Argentina);
Lisiane Bôer Possa (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil);
Luciano Bezerra Gomes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil);
Mara Lisiane dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);
Márcia Regina Cardoso Torres (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil);
Marco Akerman (Universidade de São Paulo, Brasil);
Maria Augusta Nicoli (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália);
Maria das Graças Alves Pereira (Instituto Federal do Acre, Brasil);
Maria Luiza Jaeger (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil);
Maria Rocineide Ferreira da Silva (Universidade Estadual do Ceará, Brasil);
Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal do Pará, Brasil);
Priscilla Viégas Barreto de Oliveira (Universidade Federal de Pernambuco);
Quelen Tanize Alves da Silva (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil);
Ricardo Burg Ceccim (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Rossana Staevie Baduy (Universidade Estadual de Londrina, Brasil);
Sara Donetto (King's College London, Inglaterra);
Sueli Terezinha Goi Barrios (Associação Rede Unida, Brasil);
Túlio Batista Franco (Universidade Federal Fluminense, Brasil);
Vanderléia Laodete Pulga (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);
Vanessa Iribarrem Avena Miranda (Universidade do Extremo Sul Catarinense/Brasil);
Vera Lucia Kodjaoglanian (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil);
Vincenza Pellegrini (Università di Parma, Itália).

Comissão Executiva Editorial
Alana Santos de Souza
Jaqueline Miotto Guarnieri
Camila Fontana Roman
Carolina Araújo Londero

Revisão
Roger Flores Ceccon, Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Fabiane Perondi, Mirelle Finkler, Suliane Motta do Nascimento, Marta Inez Machado Verdi

Capa | Projeto Gráfico | Diagramação
Lucia Pouchain

Imagem Capa
Freepik.com

Financiamento realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

D536

Diálogos em saúde coletiva/ Fabiane Perondi; Suliane Motta do Nascimento; Carlos Alberto Severo Garcia Júnior; Marta Inez Machado Verdi; Mirelle Finkler; Roger Flores Ceccon (Organizadores) – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2026.

276 p. (Série Interlocuções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde, v. 72).

E-book: 4.0 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-224-0

DOI: 10.18310/9786554622240

1. Saúde Coletiva. 2. Sistema Único de Saúde (SUS). 3. Bioética. 4. Cuidado em Saúde. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WA 20.5

CDU 614

Catalogação elaborada pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br

editora redeunida

Arqueologia do Sensível ou sobre o Infraordinário no Cuidado em Saúde[1]

Elisandro Rodrigues
Carlos Alberto Severo Garcia Jr.
Roger Flores Ceccon

Roger Flores Ceccon: Bom dia a todos. É uma grande honra estar com vocês. Eu me chamo Roger Ceccon, sou professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sou professor e tutor da residência multiprofissional em saúde da família, e hoje temos a grande honra de receber o professor Elisandro, um grande parceiro e uma pessoa admirável. Temos também a participação do professor Carlos conosco. Quero agradecer também à Rede Unida pela parceria nessa atividade em conjunto com a Escola de Saúde Coletiva e com o Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da UFSC. Elisandro Rodrigues é pedagogo e doutor em educação, professor e pesquisador no Grupo Hospitalar Conceição (GHC) e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ele é vice-líder do Grupo de Pesquisa Narrativas em Saúde, integra o Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura e ao longo dos últimos anos vem se dedicando a pesquisar sobre a montagem da escrita e da leitura. E hoje ele vai nos brindar com uma aula intitulada "Arqueologia do Sensível ou sobre o Infraordinário no Cuidado em Saúde". Só o título abre uma série de coisas para pensar. Sem mais delongas, vou primeiro passar a palavra para o meu grande amigo Carlos, também parceiro de longa data para fazer umas palavras iniciais. Depois passamos para o Elisandro. Um beijo para todos e boa atividade para nós.

1 Disponível em: https://www.youtube.com/live/f8QDvdlz2U4?si=PWyjeZ3TigMF-iTM

Carlos Alberto Severo Garcia Jr.: Que alegria num momento bom e oportuno. Roger, meu amigo, obrigado pela excelente apresentação. Quero também começar agradecendo o Elisandro por dedicar o seu tempo e apresentação para nossa reflexão. Muito obrigado! Agradecemos à Rede Unida também por serem parceiros nossos em várias atividades. Esse registro é muito importante para nós. E agradecer em nome da UFSC e da residência essa oportunidade que é inaugurar um momento de reflexão que atrela o serviço, porque temos residentes que estão acompanhando esse momento e espero que outros residentes também possam aproveitar essa produção que vai ser partilhada. É uma alegria muito grande estar com vocês e fazer com que isso reverbere realmente ao longo do tempo. Esses encontros, ainda que à distância, têm a potência de permanecer ecoando ao longo do tempo. Agradeço em nome de todos esses que citei a oportunidade desse debate. Elisandro, por favor, a palavra é sua.

Elisandro Rodrigues: Muito obrigado, Carlos e Roger. É uma alegria estar aqui. Nós estávamos falando antes, nos bastidores, desses encontros alegres que fazemos e tecemos. Quero agradecer a vocês e esse espaço para conversar. Eu sempre brinco que "sou um rato de aula", adoro estar em uma aula. Estar nesse outro lugar, às vezes, em que prepara uma aula, produz uma aula, faz uma aula, é um outro espaço também de produção de encontros. Vou contar dos bastidores um pouco antes de iniciar a nossa prosa. Venho trabalhando no GHC, atualmente sou coordenador da escola GHC. Mas, anteriormente a estar nesse espaço, estava na equipe da residência. Fiquei durante muitos anos acompanhando como apoio pedagógico os nossos programas de residência. Na residência multiprofissional temos oito programas. Nesse processo de pensar a questão mais acadêmica, venho trabalhando com a montagem, a leitura e a escrita. Assim, vocês vão ver nessa conversa sobre a Arqueologia do Sensível, ou sobre o Infraordinário no Cuidado em Saúde, num movimento mais teórico, de trabalhar com a questão da montagem, da

leitura e da escrita. Uma questão importante para o campo da saúde. Atualmente, também estou como docente no Programa de Pós-Graduação de Educação da UFRGS, na linha de pesquisa Educação Especial, Saúde e Processos Inclusivos. Vou fazer algumas instigações ao longo do texto e vou pedir para quem estiver nos assistindo, tanto agora, sincronamente, como daqui a um tempo também, como fica gravado, ao escutar essas minhas instigações à vocês, podem já usar o chat do YouTube para registrar as suas questões e as suas palavras. Vou compartilhar a minha tela e iniciar essa conversa. Qualquer coisa, vocês me acionem se eu cair, se eu desaparecer da tela. Gostaria de iniciar essa conversa com vocês fazendo uma tomada de posição. Esse texto-aula vai falar sobre literatura, sobre arte e sobre cuidado em saúde. Ter como pano de fundo uma política do cuidado, que é o que rege nossa vida dentro do campo da saúde, numa concepção que pode interessar algumas pessoas, com a ideia de narrativas em saúde. Termos que usamos no Brasil em sinônimo ao conceito que a Rita Charon cunhou e que se chama "medicina narrativa". Narrativa e medicina. Rita Charon inaugurou, nos anos 2000, na Universidade de Colúmbia, o Programa de Medicina Narrativa. Programa que busca destacar a importância do conhecimento narrativo para o cuidado em saúde e sugere que a prática médica deve incluir a competência de interpretar as histórias de doença a fim de melhor atender as experiências pessoais ou a experiência pessoal. Penso que esse deslocamento que a Rita Charon faz e realiza possibilita que seja criado, em termos de área do conhecimento, uma disciplina, uma área interdisciplinar que coloca a literatura, a humanização e a saúde em diálogo. Gostamos de pensar em narrativas, e coloco essa frase no plural, pois insiro o grupo de pesquisa que faço parte no GHC, que se chama de "NarraSUS, Humanidades em Saúde, ou Narrativas em Saúde". Gostamos de pensar esse termo, essa questão, esse conceito de narrativas como um processo de ampliação do fazer profissional que, por vezes, não acontece quando carregado com o termo medicina, o que acaba por fechar um processo de trabalho multidisciplinar e o próprio entendimento do

que é narrar em saúde, que parte sempre do múltiplo, do diverso e da diferença. Cabe lembrar que o termo medicina tem sua origem no latim e tem como aproximação o que carrega o significado da arte de curar. E como bem sabemos, a medicina é uma ciência que estuda a saúde como um todo. Se nos atermos à primeira concepção deste termo, poderíamos dizer que todas e todos fazemos medicina de um certo modo, pois todas e todos estudamos algum aspecto do campo da saúde. Essa foi a ideia inicial da Rita Charon ao pensar o conceito de medicina narrativa para se referir a uma metodologia que aposta em uma prática de cuidado centrada no paciente, oferecendo, dessa forma, humanização como resposta à doença e ao sofrimento. Para Charon, isso é uma prática complementar ao processo de medicina baseado em evidência. Em um pequeno texto escrito em 2022, eu e uma colega, Marta Orofino, pensamos um pouco esse conceito de narrativa e narrativas em saúde, fazendo uma certa leitura, um pouco mais arqueológica, que essa discussão, nosso campo, começa a partir do início dos anos 1980, principalmente a partir das investigações da Rita Charon ao aproximar os estudos médicos da área da linguística. Para Charon, a prática médica, e aqui estamos falando não só dos médicos, mas sim de todas as profissões de saúde, é uma prática que exige uma competência narrativa, ou seja, essa capacidade de identificar e representar a passagem do tempo e rememorar acontecimentos a partir das histórias contadas pelos pacientes, a fim de interpretar as histórias de doença para uma relação mais cuidadosa em saúde. Deixo aqui dois exemplos, para quem se interessar por essa temática, que versam um pouco sobre esse cuidado ampliado em saúde e que articula essa competência narrativa com a vida e o cotidiano. Um desses é produzido no Rio Grande do Sul, que tem a organização da Marta Orofino e do Luiz Augusto Fischer, e é um livro que se encontra na íntegra, e que pode ser adquirido também fisicamente[2]. E o curioso, uma brincadeira, o Fischer sempre faz essa brincadeira quando está falando um pouco desse livro. Um dos

2 Fischer LA, Orofino M, organizadores. *Literatura na vida: experiências de ler e escrever na educação e na saúde*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2020. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/214066/001118208.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 nov. 2025.

textos que tem neste livro é do nosso colega Jefferson Tenório, chamado Metamorfoses, Literatura e Subjetividade nos Alunos de Inclusão. O Fischer sempre faz essa brincadeira dizendo que foi esse livro da literatura que disparou o Jefferson para a fama. É uma brincadeira, pois logo depois o Jefferson começou a aparecer muito nos espaços. E é importante também trazer a lembrança do nome do Jefferson, porque vimos recentemente uma série de ataques ao seu livro "O Avesso da Pele". Esse é um livro que fala sobre o cotidiano. Fico me perguntando, por que será que o cotidiano, e esse cotidiano especificamente que o Jefferson, de certa forma, trabalha nesse livro, por que esse cotidiano incomoda tanto? É uma questão também para ficar pensando. O outro livro é uma compilação de histórias e narrativas em saúde, com muitos casos reais e outros ficcionais, ou trabalhando casos reais com a ficção. É um livro[3] organizado pela Rede Brasileira de Medicina e Narrativa, o Narrar Arte, reúne bastante gente do Brasil todo. E por falar em livros, vocês também da Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Federal de Santa Catarina, tem algumas pessoas que se debruçam sobre essa questão das narrativas na saúde coletiva. E nesse livro, "Narrativas em Saúde Coletiva, Memória, Método e Discurso"[4], que recomendo fortemente a leitura, para quem está entrando nesse processo de pensar a saúde e a saúde coletiva, eles falam o seguinte, uma breve citação do Roger, do Carlos, do João e da Virgínia: "as pequenas narrativas estão presentes em contextos cotidianos, como na família, escola, universidade, trabalho e serviços de saúde." Gosto de pensar a ideia de histórias curtas e de pequenas narrativas. E me recordo de alguns exemplos da literatura, como, por exemplo, o do Marcelino Freire, com seus contos que falam de um cotidiano que muitas vezes vivemos e principalmente atendemos em saúde. Ou as histórias curtas também da Matilde Campilho, principalmente o seu livro "Flecha", que são pequenas histórias que nos trazem

3 Goulart PM, Pezzato LM, organizadoras. *Narrativas de si: práticas em educação e saúde*. Porto Alegre: Associação Brasileira da Rede UNIDA; 2020. Disponível em: https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Livro-Narrativas-de-Si.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

4 Ceccon RF, Garcia-Jr CAS, Dallmann JMA, Portes VDM. *Narrativas em Saúde Coletiva: memória, método e discurso*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2022. (Coleção Temas em Saúde).

um certo olhar sobre o cotidiano. E também não podemos esquecer do outro escritor aqui de Porto Alegre, José Faleiro, com seu "Vila Sapo", ou o livro "Mas em que mundo tu vive". Sabemos que as narrativas são importantes no nosso processo de constituição subjetiva. Desde o nosso nascer, até o último suspiro, estamos criando narrativas. As grandes narrativas são as que constituem o mundo enquanto tal. E a vida é uma grande narrativa, né? E a cada dia, a cada gesto do nosso cotidiano é, de certa forma, uma pequena narrativa, uma pequena história, uma história curta. Narrar é trabalhar com a memória viva que nos é passada desde o início dos tempos. No nosso ofício de cuidar, ou seja, no nosso processo de trabalho em saúde, a narrativa oferece múltiplas possibilidades para uma prática mais humanizada ao entendermos as histórias que nos são contadas nos mais diversos atendimentos que realizamos. Lidamos, deste modo, a todo momento, com uma política da narratividade. E no SUS, no Sistema Único de Saúde, a nossa prática cotidiana é encharcada de narrativas. E, quem sabe, o que nos falta é qualificar a nossa escuta e o nosso processo de cuidado em saúde ancorados pela prática literária. Lembrando dessa competência narrativa que a Rita Charon nos fala. Quem sabe seja também o que a escritora sul-coreana Han Kang nos pergunta quando diz no seu livro, "O Livro Branco"[5]. Ela vai nos perguntar o seguinte: o que significa olhar mais de perto as palavras? E eu vou ficar um pouco agora pensando como que a gente olha as palavras e olha o cotidiano. Quem sabe, olhar mais de perto as palavras seja um gesto de tomar a palavra na mão. Tomar a palavra na mão é o que faz Haroldo Saboia[6] em sua "didática do contato", postulado dois: a mão, o rastro. Ou em seu "na medida em que caminho", que, ao mesmo tempo, é um livro e um filme-ensaio, principalmente quando ele nos diz que atravessar algo demanda esforço e desejo. Ou ao falar de uma escrita que margeia o processo, articulando ensaio, memória e relato, uma escrita que emerge como um relato diário e que pensa sobre o próprio trabalho e problematiza os processos e as imagens construídas. Notas de processo,

5 Kang H. *O Livro Branco*. Tradução Natália T. M. Okabayashi. São Paulo: Todavia; 2023.
6 Disponível em: https://haroldosaboia.com

citações, exemplos e ações de que se foi e se é testemunha. Reflexões ou debates que se ouviu ou que tiveram vindo à memória. Tomar a palavra na mão demanda trabalho, esforço e desejo. Podemos pensar que envolve também um certo não saber. Envolve esse debruçar-se sobre o que nos é dito no um a um do acolhimento diário em saúde. A Elida Tessler[7], que é uma autora que venho trabalhando, pesquisando e acompanhando a sua obra nos últimos anos também, nos faz um convite de tomar a palavra na mão e olhar mais de perto a palavra no seu trabalho intitulado "Você Me Dá Sua Palavra"[8]. Esse é um trabalho que está em construção, um "Working and a World in Process"[9], que foi iniciado em 2004 e conta hoje com mais de 7 mil prendedores de roupas com palavras manuscritas. As palavras originam-se de encontros e a artista faz o seguinte convite: você me dá sua palavra? Como procedimento inicial, diz a Elida, peço a palavra solicitando que seja escrita em um prendedor de roupas de madeira, na língua materna do intelectual. A sua palavra é uma abertura de sentidos e significados para cada leitor quando a obra é em exposição. É um lampejo, e como nos diz a Elida, onde um gesto simples torna-se ato de criação. É um trabalho que está em permanente conservação e conversação convivida. Tudo é pulsante, como as palavras de um texto que ainda não está escrito. "Você me dá sua palavra?" é uma montagem anacrônica que narra histórias de diversos lugares do mundo com a palavra, um hilo narrativo urdido ao andar, que dialoga com os encontros cotidianos, assim como o infraordinário de George Perec e a montagem de Walter Benjamin e de Georges Didi-Huberman. Colecionar palavras pode vir a ser um gesto político uma criação estética e um procedimento filosófico, pois transformar uma coisa em outra é um trabalho de apropriação, é um trabalho de uma política da montagem, pois todas as palavras mudam de sentido e cada vez que outra é acrescida, principalmente quando ocorre repetição. Esse trabalho da Elida completa esse ano de 2024, 20 anos. 20 anos perguntando para as pessoas uma palavra, uma micro história,

7 Disponível em: https://www.elidatessler.site

8 Disponível em: https://www.elidatessler.site/vocmedasuapalavra

9 Tessler E. Word work world: o universo da palavra dada. *Rev Comun Linguagens*. 2020;52:25-36. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0106

uma história curta, uma pequena narrativa que é desenhada cuidadosamente em um prendedor. Essa palavra nasce de um encontro singelo e eu fico a pensar então com vocês assim, né? E nós que atuamos no campo da saúde. Quantos encontros de cuidado em saúde temos diariamente? E se em cada encontro a gente fizesse o exercício delicado e singelo de registrar uma palavra, quantas palavras teríamos? Quantas histórias e vidas nos acompanhariam? Registramos diariamente a vida das pessoas nos prontuários, mas que vidas são essas que estamos escrevendo? Será que estamos dando a devida atenção aos detalhes, esses pequenos fragmentos que podem escapar a uma narrativa e por si só contarem uma outra história? Pediria a vocês para fazermos um pequeno exercício. Lembrem de um atendimento que realizaram recentemente ou de um atendimento que marcou, de certo modo, a vida de vocês. E a gente tem vários, né? Se a gente for fazer esse exercício de memória, começa a aparecer muita coisa. Agora faço um trabalho de sintetizar esse acontecimento em uma palavra. Como olhar para essa singeleza de um ato ou gesto do cuidado e se perguntar qual a palavra que me diz sobre o cuidado e sobre o cuidar em saúde? Eu peço, então, gentilmente para vocês me deem sua palavra. Quem quiser registrar um pouco essa palavra, poderia fazer no chat para a gente conversar um pouco sobre ela.

C: Vou contribuir. Posso, Elisandro? Já que você instigou.

E: Pode, pode sim.

C: Eu gostei muito daquela frase que estava escrita no vídeo. Acho que é um recorte do vídeo. A palavra que partilho é "sem medida".

E: Muito bom. Então, depois vamos ver o que o pessoal vai colocar no chat para a gente. Tirem esse tempinho para ir pensando. Também vão pensando ao longo da fala. Dá para a gente ir registrando um pouco isso. Vou

continuar. A palavra é um território. Ela marca e demarca. Uma palavra tem a potência de dizer muita coisa. Fico pensando em como utilizar a palavra para romper com algo que está cristalizado. Algo que já é um clichê no cuidado em saúde. Vocês devem lembrar de muitas palavras que vêm carregadas de sentido. Principalmente ao realizarmos uma passagem ou uma discussão de caso. Por vezes, as palavras vêm encharcadas com histórias que não dizem sobre o que é essa pessoa. Recordo de um caso contado por uma colega do GHC, a Letícia, que é preceptora da residência em Atenção ao Paciente Crítico e é uma colega do Eixo Transversal, esse espaço de formação onde a gente reúne todos os oito programas do GHC para conversar e para discutir algumas questões todo mês. A Letícia trabalha no Hospital da Criança Conceição. Ela conta que, uma vez, em uma discussão, os profissionais acabaram registrando no prontuário de uma mãe a palavra maconha. Diziam que a mãe fazia uso de maconha e, dessa forma, era uma certa "drogadita". Essa palavra ficou carregada de um estigma que, na sequência desse prontuário e no processo de cuidado da mãe e do bebê, o que ficou dessas vidas foi essa palavra. Palavra essa descontextualizada da narrativa, descontextualizada da história de vida dessa mulher e dessa mãe. Penso que, ao pegarmos a palavra na mão, esse tem que ser o nosso gesto, assim como nos lembra a Han. Olhar mais de perto essa palavra para ver o que ela significa, o que ela quer dizer. Isso quer dizer romper com o modo habitual de ler, de olhar, romper com o clichê das palavras e, principalmente, no nosso campo da saúde, eu vou dizer de novo, escrevo e leio novamente, a palavra é um território, um território do cuidado e do cuidar. Gonçalo Tavares, autor português, no seu livro "Atlas do Corpo e da Imaginação"[10], um grande escritor, formado em Educação Física, tem esse texto do processo de investigação do seu doutorado na Universidade Nova de Lisboa. E na esteira de Bachelard, o Gonçalo vai dizer que a palavra é uma casa, com seus porões e seus sótãos. E vai nos dizer também que devemos observar essa palavra deslocando os modos de olhar e observar, diz o Gonçalo (2013, p. 46) "porque pensar também é

10 Tavares GM. *Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens*. Lisboa: Editorial Caminho; 2013.

mudar de posição relativamente à própria linguagem, não olhar sempre da mesma maneira para as palavras". Queria ficar alguns segundos, assim, com essa, pegar essa frase na mão. Não olhar sempre da mesma maneira para as palavras. Se pensarmos o nosso processo de trabalho vivo em ato, nesse que ocorre no encontro com as pessoas, poderia ocorrer esse movimento de olhar de outro modo, não o mesmo, o que desloque sentidos, não aquele que já coloca um diagnóstico e um sintoma no usuário assim que ele cruza o batente da porta de atendimento, assim que ele começa a nos falar e a desenhar a sua narrativa. Eu me pergunto, será possível a gente fazer esse deslocamento? Deixo essa questão também para a gente conversar daqui a pouco. Em outro fragmento, o Gonçalo vai dizer sobre a medicina das palavras, lembrando que a literatura, por vezes, pode ser uma boa estratégia de cuidado em saúde. E para o Gonçalo Tavares, as palavras pensam e narram histórias. E ele vai nos dizer o seguinte, "não ter palavras para isto que aconteceu é deixar isto que aconteceu fora do mundo. As outras pessoas nada poderão perceber. Não ter palavras é deixar que esse objeto, alvo de nossa mudez, saia do mundo, ou sequer nem entre. Uma palavra é, assim, um agregado, um atrator de sensações comuns, uma condensação comunitária de sensações" (Tavares, 2013, p. 174). A palavra, essa que a gente usa no dia a dia dos atendimentos e do cuidado em saúde, ela tem essa capacidade de agregar sensações, essa condensação comunitária de sensações que nos fala o Gonçalo. A palavra, enquanto território do cuidar e do cuidado, transforma e se transforma assim, assim como a vida que se movimenta em ondas narrativas, assim como os territórios vivos onde acontece o trabalho vivo em ato. O que quero dizer com isso é que a palavra, enquanto território vivo do cuidado e do cuidar, necessita que continuamos em nossas práticas diárias a usá-la, construindo outras narrativas, e que ao olhar para elas, as palavras e os sujeitos, olhemos mais atentamente, nos demoremos nesse gesto de olhar mais de perto. Entro no terceiro ponto que diz um pouco sobre essa fala. Ao dar esse título para essa aula, comecei a juntar elementos já lidos e que venho carregando durante os últimos anos. Ao pensar sobre o infraordinário ou sobre o cotidiano, George Perec é

quem me acompanha com seu texto que se encontra em seu livro "O infraordinário". Texto esse que se repete também no livro "Parque das Ruínas" da poeta Marília Garcia[11], que é uma das autoras que faz o gesto de pegar as palavras nas mãos. Nesse livro, a Marília vai fazer esse movimento de registro do cotidiano, e ela se pergunta, se a gente começasse a escrever, anotar e nomear o que acontece, será que consegue fazer as coisas existirem de outro modo? Para Marília, o infraordinário está nesse gesto cotidiano de ver e de nomear o que é visto, e ela se pergunta, mas como ver o infraordinário? Quem sabe um dos ensinamentos para pensar o infraordinário seja algo que a Marília também vai nos dizer ainda nesse livro. E ela diz o seguinte: leva tempo a aprender como fazer. Leva um certo tempo para organizarmos as palavras que vamos dispor em nosso processo de trabalho. E, sobretudo, existe um demorar-se, um tempo de aprendizado para saber como dispor e como montar as palavras. Exige, penso, uma leitura de trabalho e um trabalho de leitura anterior ao sentarmos para organizarmos nossos arquivos e nossa mesa de montagem. E é a poeta argentina Tamara Kamenszain que fala em leituras de trabalho. Isso vai aparecer no posfácio do seu livro "Garotas em Tempos Suspensos"[12], em uma citação da tradutora Paloma Vital. Dizia Tamara que uma leitura tinha que despertar o desejo de escrever, e chamava de leituras de trabalho esses movimentos de debruçar-se sobre um texto. E falava isso a partir de uma observação de um outro escritor argentino chamado Macedonio Fernández, que comentava sobre o movimento de estudo de Roland Barthes. Assim como para Barthes, segunda escritora, Macedonio fazia esse movimento de levantar a cabeça ao ler. Mas para Tamara, levantar a cabeça do que está lendo é um gesto de começar a sua própria escrita. Pensar nas palavras que escutamos, neste território vivo em ato da escuta, é, de certo modo, realizar um trabalho de leitura desse outro. Assim como é necessário deslocar o olhar da palavra, o mesmo vale para a escuta dessa palavra. Como pensar uma escuta mais sensível dessa palavra que nos chega? Como se dar o trabalho de ler essas vidas? Como levantar a cabeça e começar o nosso próprio gesto de escrita,

11 Garcia M. *Parque das ruínas*. São Paulo: Luna Parque; 2018.
12 Kamenszain T. *Garotas em tempos suspensos*. São Paulo: Círculo de Poemas; 2022.

nossa própria escrita de vida, com as nossas palavras encharcadas por aquelas e aqueles que escutamos? Para mim, residir em saúde, fazer uma residência, estudar saúde é um trabalho de leitura e um gesto de começar a nossa própria escrita. Pois é aqui, neste momento em que levantamos a cabeça para olhar o sujeito que está à nossa frente, é aqui que pode começar uma narrativa e uma escrita. Faço uma pequena digressão, assim, porque também fui residente, há muito tempo, fiz residência de saúde mental na UFRGS, numa época em que existia o EducaSaúde, e a gente tinha essa possibilidade, tanto do campo das artes como da educação, fazer esse processo de vivência também. E ao revisitar e revisar um pouco essa aula, eu me recordei de um livro, "Enciclopédia das Residências em Saúde"[13], onde tem alguns verbetes escritos sobre o viver à residência. Eu recorto um fragmento desses verbetes, escrito, em companhia do Roger e da Virgínia, e que diz o seguinte: "E que espaço é este em que o novo pode acontecer? O ser residente compreende um percurso natural de propostas, experiências, dinâmicas e caminhos. Significa uma constante construção. A produção da vida e do cuidado ocupa um papel central nas diretrizes e princípios do sistema único de saúde". Por isso, um devir residente convida para análise crítica sobre paradigmas tecnicistas, produtores de repetições, fragmentações e procedimentos padrões, que dispersam reflexões, criações e implicações. E eu fecho essa minha pequena digressão assim. Mas acho que é um bom livro também, com muitos verbetes super importantes e potentes, né? Acho que vale a pena também os residentes conhecerem. Então, voltando um pouco. Sei bem, e como bem lembrou a Marília Garcia, que leva tempo para aprender como fazer. E é por isso que navegamos por conversas com autoras e autores, com colegas, com professoras e professores. Necessitamos, em paralelo com o ler pessoas nos encontros no dia a dia, ler autores e autoras que nos ajudem a pensar em outras perspectivas do fazer e do pensar a saúde. E ao receber esse convite para fazer essa conversa com vocês, comecei a pegar alguns livros que falavam

13 Ceccim RB, Dallegrave D, Amorim ASL, Portes VM, Amaral BP, organizadores. *EnSiQlopédia das residências em saúde*. Porto Alegre: Editora Rede Unida; 2018. DOI:10.18310/9788566659986. Disponível em: https://editora.redeunida.org.br/project/ensiqlopedia-das-residencias-em-saude/

um pouco sobre o sensível. O livro do Jacques Racière, "A Partilha do Sensível", o compilado de textos do Vinícius Nicastro Honesko, chamado "Ensaio sobre o Sensível", o texto de Didi-Huberman, chamado "Volver Sensible/Hacer Sensible"[14], que está num livro organizado por Alain Badiou, que se chama "Qué es un pueblo?". E também peguei um livro da Tânia Fonseca, chamado "Traços de um Pensamento: escrito sobre clínica, arte e política". Esses e outros textos me ajudaram a pensar e a dizer o que estou querendo dizer nesta manhã. Da necessidade do deslocamento do olhar, da escuta, do gesto, para essa palavra que nos chega, de tornar os gestos da escuta e da leitura gestos sensíveis. Realizar uma espécie de "arqueologia do sensível". E paremos por um instante, assim, para pensar nessa palavra arqueologia. Arqueologia é esse movimento de investigação que se ocupa, poderia dizer, de pequenas narrativas. O arqueólogo é aquele que busca os vestígios, os indícios do que está esquecido. É aquele que cava, que procura elementos até então não vistos. George Didi-Huberman, esse autor que venho também dedicando um certo trabalho de leitura, chama atenção para esse devido arqueólogo, e diz ele, nesse livro "Imagens Apesar de Tudo", que é necessário um esforço de uma arqueologia. Esforço que consiste em olhar como um arqueólogo, ou seja, perceber o que ainda não nos foi contado. Seguir os rastros das palavras. Diz Didi-Huberman (2017, p. 41)[15], "é comparar o que vemos no presente, o que sobreviveu, com o que sabemos ter desaparecido. A verdade não é dita com palavras. Toda palavra pode mentir. Toda palavra pode significar tudo e ser o contrário. A verdade não é dita com palavras, mas com frases". Didi-Huberman nos chama atenção para o narrar. Colocar uma palavra atrás da outra para suscitar uma pequena narrativa. Quando realizamos esse deslocamento, quando passamos a olhar como um arqueólogo, é através de um olhar desse tipo, de uma interrogação desse tipo, que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados. Para o Didi-Huberman, em diálogo com Walter Benjamin, o movimento de

14 Georges Didi-Huberman. "Volver sensible/hacer sensible". In: Alain Badiou. *¿Qué es un pueblo?* Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora; 2014. p. 69-100.

15 Didi-Huberman G. *Quando as imagens tomam posição: O olho da história*, I. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2017.

olhar mais de perto as palavras, com esse olhar de arqueólogo, é escavar, revirar a terra na busca de algo ainda não dito, ou seja, um trabalho de memória. Didi-Huberman (2017, p. 67) vai dizer que a "arqueologia não é apenas uma técnica para explorar o passado, mas também e principalmente uma anamnese para compreender o presente". Vemos que o nosso trabalho no campo da saúde não está longe do que é o trabalho de um arqueólogo, pois ao realizar as primeiras escutas, ao olhar mais de perto as palavras, estamos não só tentando enxergar o passado, mas também o presente desse usuário e dessa usuária. Esse momento do encontro é onde escavamos para perceber a inquietante estranheza desse sujeito que olhamos. E o Manoel de Barros, que muita gente conhece já, tem um poema que nos lembra dessa função do arqueólogo, na qual ele chama de um escovar as palavras. Eu peço licença para ler esse poema para vocês. Vai dizer o Manoel de Barros[16].

> Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam ali sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu "joguei a escova fora".

16 Barros M de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta; 2003.

Para pensarmos uma arqueologia do sensível, é necessário esse movimento de escovar as palavras, mas sem jogar a escova fora. É necessária uma força, uma potência, que nos impulsione nesse pequeno gesto de olhar mais de perto as palavras. Força para tornar-se sensível, como nos diz Didi-Huberman (2014, p. 99-100)[17]:

> Tornar sensível seria, portanto, tornar acessível pelos sentidos e tornar mesmo acessível aquilo que nossos sentidos, assim como nossas inteligências, nem sempre conseguem perceber como o que faz sentido. Algo que só aparece como falha de sentido, índice ou sintoma. Mas, tornar sensível quer dizer que nós mesmos, diante dessas falhas ou sintomas, de repente, nos tornamos sensíveis a alguma coisa na vida das pessoas. Alguma coisa na história, que havia nos escapado até então, mas que nos olha diretamente. Portanto, aqui somos tornados sensíveis ou sensitivos a algo novo na história das pessoas que nós desejamos. Consequentemente, conhecer, entender, acompanhar.

Faço esse percurso começando pelo meio, como diria o Emmanuel Hocquard, a Marília Garcia. Marília, em julho de 2009, vai visitar na França a casa do Hocquard. E ao chegar, ele pergunta para ela o que ela queria saber. Ela responde que não sabia por onde começar, no que ele diz, talvez pelo meio. Recordo de uma outra professora da Faculdade de Educação da UFRGS, a Sandra Corazza, que sempre dizia que escrevemos em meio à vida. Atribua essa frase a ela, lida em algum lugar, em algum texto, ou escutada em alguma aula. Quem sabe, seja a mesma expressão, ou a mesma forma, que o Antoine Compagnon vai dizer ou comentar sobre escrever a vida. Ele diz nesse livro "A Era das Cartas"[18], o seguinte (Compagnon, 2019, p. 166): "Acreditava ter emprestado a própria expressão de escrever a vida nos cursos de Roland Barthes, sobre a preparação do romance. Quando Annie Ernaux, que convidei para o meu seminário, me pediu para utilizar esse título para a coletânea de

17 Didi-Huberman G. Volver sensible/hacer sensible. In: Badiou A, editor. *¿Qué es un pueblo?* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora; 2014. p. 69-100.

18 Compagnon A. *A era das cartas*. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2019.

seus romances, que seria publicado pela Gallimard, respondi a ela que estava livre para fazê-lo, pois ela não me pertencia, mas vinha de Roland. Quando a reencontrei por ocasião de uma entrevista para a rádio, ela me disse que tinha pesquisado, mas não tinha encontrado em lugar algum essa expressão na obra dele. Para dizer a verdade, não sei de mais nada". Começar pelo meio, escrever em meio à vida, quem sabe seja a urgência de darmos mais potência a uma política de narratividade no nosso campo da saúde. Política essa ancorada na esteira de uma partilha do sensível, para nos lembrarmos de Jacques Rancière, quando ele nos diz dessa política, ou dessa politicidade sensível, e da capacidade de captar um ato de uma palavra vivo. Ou seja, passar dos grandes acontecimentos e personagens à vida dos anônimos, identificar os sintomas de uma época, de uma sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstruir mundos a partir dos vestígios. E diz o Rancière, isso é um programa literário antes de ser científico. Ele vai nos chamar a atenção pelo que venho dizendo sobre a arqueologia do sensível, sobre esse modo de devir arqueólogo que olha mais de perto as palavras. Rancière nos recorda do ínfimo da vida ordinária, a qual Perec vai dizer que é o infraordinário. Esse infraordinário são os acontecimentos diários, mas não aquele que será visto apenas pelo seu escândalo. Perec[19], nesse texto, vai nos chamar a atenção para o que deixamos de lado e nos convoca a realizar essa torção e deslocamento nos modos de olhar e ver o cotidiano. E ele vai nos perguntar o seguinte: o que acontece realmente? O que vivemos? O resto, todo o resto, onde ele está? O que acontece a cada dia e que sempre retorna? O banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o infraordinário, o rito de fundo, o habitual? Como dar conta disso? Como interrogar, como descrever? Recordo de um filme visto esses dias atrás, e também fica uma outra dica para quem não viu, que é "Dias Perfeitos", onde a gente vê, pelas imagens de Wim Wenders, o banal do cotidiano na tela. Banal não como algo negativo, mas algo que esquecemos de olhar no passar dos

19 Perec G. Aproximações do quê?. *Alea: Estudos Neolatinos*. 2010;12(1): 177-180. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-106X2010000100014.

minutos do dia. Para o personagem do filme, por mais que algo venha com força e desorganize seu dia, esse dia ainda continua ou tende a continuar, apesar das atribulações, perfeito. No seu modo singelo de olhar o mundo, nas pequenas coisas que chamam a atenção, a qual Barthes chamaria de "punctum", a potência de vida se anuncia no farfalhar das folhas sob o sol, no gesto de um desconhecido, nas palavras que chegam de uma conversa qualquer, de um encontro inusitado ou de uma música que escutamos. O Perec vai continuar no seu texto, nos falando sobre como interrogamos esse habitual, esse cotidiano. Ele nos diz o seguinte: interrogar o habitual, nós justamente estamos acostumados a ele. Nós não o interrogamos, ele não nos interroga, ele parece não causar problemas. Nós o vivemos sem pensar nisso, como se ele não veiculasse nem perguntas, nem respostas, como se não fosse portador de qualquer informação. Não é nem mais condicionamento, mas anestesia. Dormimos nossa vida em um sono sem sonhos. Mas onde está a nossa vida? Onde está nosso corpo? Onde está nosso espaço? Como pensar? E aqui eu me dirijo, então, a vocês que estão nos escutando, principalmente aos residentes multiprofissionais em saúde da família. Como pensar, nesses dois anos de residência, no tempo de formação que ainda temos e que poderão vir a seguir sobre esses gestos cotidianos? O que eu gostaria de dizer com esse título que eu falei anteriormente sobre a arqueologia do sensível, quem sabe seja um pouco isso. Como desenvolver a técnica, a habilidade, o gesto de cuidado em saúde que observa e cuida das vidas sensíveis que passam por nós, e junto com isso, como deixar esse registro vivo enquanto palavra escrita dessas vidas, desse cotidiano, desse extraordinário? Sempre falo nos espaços onde circulo, seja no GHC, nos encontros com os residentes, na Faculdade de Ciências da Saúde, no nosso mestrado profissional, ou ali no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, que falar sobre uma vida, escrever sobre uma vida já é matéria suficiente para uma tese, para uma dissertação, para um trabalho de conclusão. Quem sabe, para vocês que estão em processo de formação em serviço, registrar algumas palavras já seja movimento o suficiente de

deslocamento do olhar para essas vidas e esse cotidiano. Quem sabe eu já vou finalizando para a gente abrir essa conversa, quem sabe seja o que o Merhy fala sobre a micropolítica e a cartografia do trabalho vivo em ato. Resgato um texto do Merhy, escrito com o Túlio Franco, em 2012[20], onde eles vão dizer que, no trabalho em saúde, "a subjetividade é operadora da realidade, ou seja, o modo singular, como cada um significa o trabalho, o cuidado, agencia o modo como se produz ou agir em saúde" (2012, p. 152). Para eles, o trabalho vivo em ato é o que acontece no exato momento de produção, criação, portanto, se realiza na atividade da trabalhadora, no infraordinário da vida. A micropolítica são os gestos cotidianos que se produzem nos momentos desses encontros. E é importante recordar que estava dando uma aula essa semana sobre a 8ª Conferência, e a gente estava escutando a fala do Sérgio Arouca, realizada na abertura da 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986. É uma fala que tem quase 30 anos. É super potente para pensar o nosso total cotidiano, o nosso infraordinário do cuidado em saúde. Nessa fala, o Arouca vai nos dizer da superação do medo, de uma política de felicidade e da saúde como um ato político. E daí, para finalizar, algumas breves palavras finais. Se a saúde é um ato político, pensar mais de perto na palavra, tomar ela na mão enquanto território vivo do cuidar, é, de certa forma, dizer que narrar a vida, narrar o infraordinário, é também um ato político. Em outras palavras, pensar uma arqueologia do sensível, o infraordinário no cuidado em saúde, é dizer que é no encontro com a palavra da outra e do outro que se criam os atos de cuidado. Deleuze, no livro "Crítica e Clínica"[21], tem um texto bem curtinho chamado "A Literatura e a Vida". Nesse texto, ele vai nos falar do devir enquanto algo inacabado, que está sempre em processo de construção, em encontrar um lugar, um território, enquanto zona de vizinhança, ou no que ele fala, num entre. E a literatura para Deleuze, e eu colocaria também todas as outras artes, surge como uma tarefa de saúde que vem das pequenas narrativas do

20 Franco TB. As redes na micropolítica do processo de trabalho em saúde. In: Pinheiro R, Mattos RA, orgs. Gestão em redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde. Rio de Janeiro: CEPESC--IMS/UERJ-ABRASCO; 2006. p. 459-474.

21 Deleuze G. Crítica e clínica. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34; 1997

infraordinário, vem daquilo que se viu e se escutou. Diz Deleuze (1997, p. 13-14) que a "saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta", de inventar um povo e uma possibilidade de vida. É isso que acontece no encontro, no encontro com essa palavra viva que é o território. E o Perec, em seu texto sobre o infraordinário, fala sobre fundar a nossa própria antropologia. Quem sabe, e parafraseando ele, seja o momento de criarmos a nossa própria arqueologia do sensível, interrogar aquilo que parece haver deixado de nos surpreender, que é a vida do outro e da outra. Quem sabe, o que nos falta é pegar a palavra na mão para instigar mais a curiosidade e retomar o ato de narrar e de contar histórias como uma artesania. Quem sabe, o que nos falta é uma retomada da arte de narrar, essa competência narrativa que pode produzir mais humanização e saúde. Quem sabe, o que nos falta seja o que o Emerson Merhy nos diz em uma entrevista realizada em 2013 no Encontro Regional da Rede Unida, em Inhotim. Quem sabe, o que falta é, como nos lembra também Didi-Huberman, tornar sensível o nosso corpo. E daí, para finalizar, não tinha como não trazer uma fala de dois minutos do Emerson que, para mim, sintetiza todo esse texto que escrevi e que no final da minha escrita, assim, dessa aula para vocês, me dei conta, mas o que estou dizendo é o que o Merhy diz nesses dois minutos. Então, vou passar para vocês. "Aqui em Inhotim tem uma oportunidade para nós da área da saúde que é poder vivenciar uma aposta bem ousada de que é a arte a céu aberto. E na realidade, a arte a céu aberto é o que acontece conosco todo dia sempre que a gente encontra alguém. Quando a gente encontra alguém, como dizem alguns pensadores, a gente encontra uma obra de arte. Porque todos nós, na produção de nossas existências, a gente produz obras de arte. A existência é uma obra de arte. E ela é tão instigante quanto qualquer pintura genial. E aqui em Inhotim a gente tem a oportunidade de conhecer essas linguagens, porque você vai conviver com a produção de uma obra de um pintor, de um escultor a céu aberto, ela conversando com você e você conversando com ela. Ela convoca vocês a colocar seu corpo sensível à frente do seu pensamento. Então a obra de

arte ela consegue te convocar sensivelmente e aí você pensa depois. Porque quando você chega pensando antes pra ver um quadro você não vê um quadro e você não deixa o quadro te ver. É isso que eu acho que é uma questão fundamental na área da saúde, quando a gente está na prática de cuidado e a gente não consegue ver o outro que está nos vendo, a gente faz a mesma coisa. A gente chega com o pensamento antes. A gente chega com um corpo-pensamento antes. A gente não chega com um corpo sensível no encontro com o outro que é uma obra de arte pra se expor a isso. E aí a gente não explora esse encontro no que ele tem de riqueza artística que é a existência de cada um. Quem não conseguir fazer isso na saúde, sempre fica devendo na prática de cuidado. Porque ele acha que está cuidando de um outro que ele nem sabe quem é esse outro. Essa é a grande aprendizagem dessa vivência que estamos tendo aqui em Inhotim"[22]. Então, esse aqui é o meu final.

R: Elisandro, querido. Sensacional. Acho que a tua aula foi, de fato, uma obra de arte para nos tornar um pouco mais sensíveis a partir da tua exposição. Quero parabenizar, agradecer muito. Você citou o professor Emerson Merhy e queria dizer que nessa aula de hoje, a gente pode dedicar em memória a Hermínia Silva, a Mina, que veio a óbito na data de ontem. E deixar um abraço muito carinhoso e muito solidário ao professor Emerson Merhy, que é uma grande inspiração para todos nós. E dedicar toda essa produção que o Elisandro elaborou em homenagem à memória da Hermínia, sua companheira. Dito isso, antes de passar para o professor Carlos, tem algumas questões no chat que acho que dá para a gente retomar e trazer para esse debate. Você provocou as pessoas a pensar palavras e a Virgínia trouxe a palavra "visita", a Carla colocou a palavra "gratidão", a Juliana colocou a palavra "aproximação", o Luiz colocou a palavra "compromisso". Vou colocar a primeira questão que está no chat, a questão do Cássio Machado. Ele chama a atenção para a largueza da pesquisa e intervenção da Kessler: "Considerando a experiência do professor Elisandro, gostaria que comentasse sobre o encurtamento das pesquisas e intervenções

22 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_F_g5ihrJtA

em nosso contemporâneo". É uma questão boa. Vou colocar duas, Elisandro, assim tu faz uma narrativa única, tanto do Cássio quanto a questão também que está no chat da Virgínia. "Elisandro, que reflexões maravilhosas que você nos coloca a fazer. E eu fiquei com vontade de te ouvir sobre o que pode a residência como estratégia e aposta política comprometida com a palavra, com o cuidar e com o território". Então ficam essas duas primeiras questões, Elisandro, para responder. Uma questão do Cássio e outra da Virgínia. Depois a gente retoma com novas indagações. Pode ser?

E: Vou dizer para o Cássio que respondo para ele na outra sala na sequência, porque o Cássio é nosso apoio pedagógico da residência. Mas é uma boa questão que o Cássio nos coloca. Não só na residência, mas nesse universo da academia. É um universo que tenho visto alguns encurtamentos mesmo. Algumas pesquisas que vão para alguns lugares que, às vezes, também não falam muito sobre esse cotidiano, sobre esse processo mais de pesquisar o infraordinário da vida. Como a gente pensa nesses cotidianos? Quando dizemos que vamos fazer uma pesquisa, o campo é o nosso cotidiano, o campo é onde estamos indo fazer essa coleta dos dados, onde vamos estar conversando com as pessoas. Essa é uma questão importante. Porque vivemos um pouco disso. No nosso campo da saúde, os nossos textos têm sido cada vez mais curtos. Pegamos artigos de seis páginas com 15 pessoas escrevendo. Fico pensando: cada um deve ter escrito uma linha? Acho que tem uma questão que, de fato, no nosso campo da saúde, a gente tem um pouco esse processo de, não sei se é um encurtamento ou se é um modo mais cartesiano de pensar a saúde, que nos faz afunilar para uma questão. Sempre falo para os residentes, quando temos os seminários, que é o eixo transversal, pegar uma questão do nosso cotidiano e pensar sobre ela. Isso já é muito rico, muito potente para pensar sobre as questões que encontramos no cotidiano. E acho que isso também responde um pouco a Virgínia. O que pode a residência como estratégia e como aposta política? Essas palavras, para mim, são importantes.

A palavra "palavra" é importante, o cuidar e o cuidado em saúde, que vem carregado com isso, a palavra-território. O pessoal que é da residência em saúde da família não tem como fazer saúde sem estar no território. A gente está no território. E por isso que a retomada desses textos do Merhy, e agradecer ao Roger por essa lembrança também dele, da companheira dele que veio a falecer, é importante. Porque o Merhy cria uma coisa sensacional, ele olha mais de perto para esse território vivo que a gente trabalha. Acho que é esse deslocamento que a gente tem que pensar. A potência da residência, do ser residente, também está nisso. Viver o cotidiano, viver o território, viver esse infraordinário que pego do Perec. Só isso já é bastante coisa. Lembro de uma frase do Deleuze, que é aquela de a gente ter uma ideia. Que a gente não tem muitas ideias. Se a gente tiver uma ideia, justa uma ideia, já está suficiente. Então viver no cotidiano, experienciar, nos colocar de fato, nessa experiência com corpo e alma é importante. Acho que só isso já é suficiente. Óbvio que tem todas as outras questões que a residência nos faz e nos proporciona, mas a gente está aberto para o encontro cotidiano. Acho que é a grande importância desse espaço de formação e serviço que são as residências. Não respondendo, mas respondendo.

C: Elisandro, vou daqui. Primeiro dizer que foi brilhante a exposição. É um presente para aqueles que puderam acompanhar e irão acompanhar em algum outro momento. Nos presenteou com uma densidade, com um percurso muito confortável de ir compreendo a linha de raciocínio, nos apresentando autores que nos ajudam muito a traduzir também a própria teoria que você está trazendo junto na interface com a arte, muito obrigado, mesmo. Vou trazer alguns pontos e depois trazer uma pergunta para você partilhar algumas considerações. Antes, falei na palavra "sem medida", por conta da questão dos atendimentos, e você foi explorando a questão da narrativa no SUS. Essa política de narratividade acaba, por vezes, se engessando dentro das barreiras dos protocolos, dos prontuários, dos sistemas que nós mesmos criamos nos

ambientes do cuidado, para sintetizar ideias, mas que muitas vezes essa síntese, reduz o sentido das coisas. Você trouxe a importância da questão oral e escrita para interrogar o cotidiano do trabalho. Como fazer essas interfaces, essa conexão entre o protocolar e o que transborda, aquilo que fica sem medida? Parece que a cidade e a arte são espaços para ocupar e ajudar a dar respostas parciais. Porque se ficar para dentro dos próprios sistemas, a resposta vai ser cada vez mais fechada ou na tentativa de fechar. O movimento da narrativa peripatética que você apresenta pela própria escrita e a própria palavra que precisa ser escovada esbarra na questão do tempo. Você fala da medicina baseada em narrativas e temos num outro ponto paradigmático a medicina baseada em evidências. Essa medicina baseada em evidências está falando de uma temporalidade, do tempo presente, aquilo que temos de melhor para oferecer, de conhecimento e saber, para ofertar para um usuário. Como toda experiência do tempo caduca, o presente deixou de ser presente no momento que abri a boca ele não é mais presente, ele já é passado. Então, criamos uma ponte entre o passado, o presente e o futuro, porque ao falar em cuidado também projetamos o futuro do cuidado. Fico tentando sempre questionar como colocar toda essa potência que você nos instiga a pensar o cuidado, a escuta e a escrita também, como colocar isso dentro dos serviços de saúde que hoje, na grande maioria, está cercado de barreiras com medidas. Essa seria a minha pergunta. Essa pergunta dá um livro.

E: Obrigado, Carlos. Acho que tem umas questões que são bem singelas. Você foi falando e fiquei pensando em algumas coisas. A primeira delas é o que você fala sobre densidade. Acho que tem algo importante, falo também bastante sobre isso, quando converso com o grupo que for. Essa densidade, para mim, está traduzida em uma coisa que é o estudo. Para fazer um processo de cuidado, temos que estudar. Não conseguimos fugir disso. É preciso ler e escrever, tem que sistematizar essa leitura através da escrita. É preciso estudar muito. Sempre falo que a área da saúde é uma das áreas que

estuda muito, porque está o tempo todo se atualizando. É um pouco isso que tu traz, principalmente da medicina baseada em evidência. Estamos todo o tempo estudando porque é todo o tempo. Fazemos pesquisa e todo o tempo as coisas estão se alterando, se mudando, se deslocando. Acho que tem uma temporalidade e aceleração muito forte. Tem um autor que dialoga bastante com isso, o Byung-Chul Han. Ele vai falar sobre a questão da aceleração do tempo em que a gente vive. E como que a gente faz? Daí eu faria esse deslocamento da tua questão. Como é que ao invés de acelerar mais, desacelera? Como é que paramos? Quais são os momentos de parada que se tem no trabalho cotidiano? E a parada é para pensar sobre o que a gente tem, como o Merhy indaga: como é que pensamos no nosso trabalho? Porque muitas vezes acabamos fazendo, isto é, estamos atropelados. Tem 200 usuários para atender, um montão de reunião, grupo, um montão de coisa, visita, procedimento e não temos tempo para parar e para pensar sobre o nosso trabalho. Acho que a primeira questão seria isso. Como fazemos um pequeno furo? Gosto muito da imagem que o Edson Souza, psicanalista de Porto Alegre/RS, usa: a imagem da agulha para furar a burocracia, do que ele chama de "burocratização do amanhã". Quando fazemos um pequeno furo, se pegarmos a questão da fotografia, por exemplo, fazendo um pequeno furo numa caixa preta, produzimos uma pinhole, que é uma pequena máquina de fotografia sem filme. Podemos produzir muito caseiramente, um pequeno furo, um buraco de agulha por onde a imagem entra. É um pequeno buraco, um micro buraco. Algo imperceptível, às vezes, que é onde se produz agulha. Pequenos buracos de agulha para, como diz o Edson, para fazer um pouco esse descarrilamento das máquinas. Porque é isso, colocamos alguma coisinha que vai produzir um outro processo. Acho que esse buraco de agulha para a gente no cotidiano da saúde e também na educação. Porque a gente também está a todo momento nessa loucura de produção, de aula, de texto, de leitura. Esse buraco de agulha eu chamaria de parada. De parar um pouco no tempo. De fazer essa parada no tempo. O estudo, às vezes, é isso. Eu comecei a pensar nesse texto, já tem duas semanas, e é desde

domingo que eu parei para escrever ele. Então, todo dia, algumas horinhas, tenho trabalhado nesse texto. Mas é isso, tenho que parar, duas horas por dia para poder sistematizar um pouco e tentar escrever. Acho que essa é uma das questões para se pensar. E essa parada também tem a ver, principalmente, com os residentes. Falamos bastante também com todas as turmas que entram. Como é que a gente nos cuida? Para a gente nos cuidar, para a gente cuidar do outro, a gente precisa estar bem, não é? Porque se a gente está mal, não vamos conseguir cuidar direito também. Então, a parada também, para nos cuidar, para nos ver, é um ato de cuidado. Parar um pouco para pensar no que estamos fazendo, no nosso processo de trabalho, no que temos para fazer, é um ato de cuidado também. Dizer sim é colocar esse ponto de espera nessa máquina burocrática do tempo e dizer, "peraí", deixa eu parar um pouco, está tudo acelerado, vamos desacelerar um pouco, depois continuo, depois avanço. Mas é necessária uma parada. Acho que isso, não sei se respondi, Carlos.

Carlos Severo: Excelente, Elisandro. Vou colocar mais uma questão para aproveitar, já que fiquei muito afetado. Acho que a palavra está muito central na tua produção, correto? Tanto a narrativa quanto a palavra são centrais na tua fala, nesse esforço rigoroso com o pensamento, isso também é importante sublinhar. Tu nos traz um esforço muito bonito com o pensamento colocando luz à palavra, especialmente a partir da narrativa. Com relação ao filme, que comentou, "Dias Perfeitos", se apresenta a inexistência da palavra. Embora o Wim Wenders produza essa narrativa, o personagem que está no filme, pouco ou quase nunca utiliza a palavra, ao menos essa palavra falada do qual estamos acostumados, embora ele seja muito afetado pelas artes. Fiquei pensando para o campo da saúde e sobre a perspectiva das narrativas, se há possibilidade de narrativa sem palavra, se há como pensar a narrativa sem a palavra, porque acho que tem outras forças no campo da saúde, no serviço, ou propriamente na educação, que não apenas a palavra, mas tem outras forças que estão interseccionadas nesse campo e que também contribuem tanto para

o cuidado quanto para a produção do conhecimento. Essa é minha questão para ti, se há possibilidade de narrativa sem palavra.

E: Essa questão é muito linda. Dá para a gente escrever muito sobre essa questão. Já fica guardada essa ideia, porque é muito boa para pensar nessa possibilidade de trabalho sem a palavra, tanto o oral quanto a escrita. Fiquei pensando em duas coisas que tu nos provoca. Uma delas tem a ver com o que estava falando antes, que é do tempo. Porque a parada também nos protege de pensar em outros gestos. De olhar para o que é essa palavra. Daí ficaria pensando o que é a palavra, não é? No atendimento, tenho um trabalho muito lindo que é o trabalho com testemunhos dos sobreviventes dos campos de concentração, principalmente de Auschwitz, que tem uma artista que vai gravar, convidada para gravar os testemunhos desses sobreviventes, acho que em comemoração aos 60 anos da Shoah. Comemoração, não é? E essa artista faz um documentário com esses sobreviventes falando, mas esse não é o trabalho artístico dela. O trabalho artístico dela é pegar todos os momentos de silêncio que tem entre uma palavra e outra. É um trabalho lindo, porque o que ela coloca ali? Ela coloca o silêncio, coloca a não-palavra. Mas tem um gesto ali, e daí essa é a segunda questão que queria dizer da inexistência da palavra. Não pode não ter a palavra dita ou escrita, mas tem um gesto que é uma palavra. Tem um gesto ali que provoca a palavra. Esse, o "Dias Perfeitos", até estava esses dias comentando com um amigo ali de Portugal, o Tiago Almeida, que disse que viu quatro vezes esse filme e fiquei instigado com ele, me provocou muito. Disse: vamos escrever também sobre isso? Mas esse é um filme que faz um deslocamento total. Porque a palavra está em outras coisas, em outros gestos, em outros movimentos, no silêncio. Acho que diria isso, a palavra está no silêncio, porque é muito bonito o que o Wim Wenders faz, o que esse personagem também faz, esse ator faz. Porque é um silêncio, é um cotidiano. Para quem não viu, fica essa dica de filme e pensar sobre ele. É um filme que coloca a vida cotidiana em cena. É como se saíssemos a filmar a vida

cotidiana de qualquer um de nós. Só que é esse movimento de, tem essas duas questões que falei, acho que tem uma parada, porque ele é um cara que para bastante durante o processo do trabalho dele, ele para em alguns momentos. E essa parada também tem essa questão de pensar de outra forma de trazer a palavra de outra forma, que para ele é muito pelo olhar. Então, aquilo que vemos do que ele produz enquanto imagem. A palavra dele está nesses gestos, na palavra dele e também na música. Esse filme também me instiga, mas essa questão que tu traz é muito boa. Como é que a gente pensa isso no trabalho cotidiano? Vou atender um usuário, como é que não vou conversar com ele? Acho que tem momentos que de fato a gente não conversa. No sentido de não se colocar em encontro. De fato, a gente não conversa, não tem palavra em jogo. Esses momentos são inexistentes e não é o que a gente quer, mas nesses momentos em que tem um encontro também, às vezes a palavra não é necessária. Fiquei me rememorando de coisas aqui. Às vezes quando a gente encontra um usuário de verdade a palavra ela deixa de ser necessária. Qualquer gesto é transformado em palavra. Acho que é muito boa essa questão assim que tu fala, que dá para pensar na palavra enquanto o gesto.

R: Excelente, Elisandro. Excelente, Carlos. Mais alguma questão que tu queira colocar antes de encerrar?

C: Não, só reiterar o agradecimento, a beleza desse encontro e que ele possa ecoar ainda mais. Muito obrigado novamente, Elisandro. É um presente que a residência da UFSC, Saúde da Família está recebendo. Agradecer a Rede Unida, agradecer ao meu amigo Roger por estar articulando e costurando essa proposta.

R: Muito obrigado. Elisandro, mais alguma palavrinha para finalizar?

E: Não, acho que é só também agradecer a vocês. Agradecer a ti, Roger, pelo convite. Agradecer ao Carlos também pelo encontro potente e bonito que

já foi realizado, na verdade, pelo nosso amigo Márcio Fransen. Acho que tem essas conexões que são importantes. Quero agradecer muito a Rede Unida. E agradecer principalmente aos residentes. Quando vim trabalhar no GHC, eu fiz a residência, daí saí da residência e fui trabalhar no município de Sapucaia, na educação. Eu vim para o GHC e a primeira coisa que disse: quero trabalhar com a residência porque isso ainda me motiva a pensar.

R: Quero deixar também o agradecimento aos residentes e também agradecer à Rede Unida, Carlos, grande amigo, e Elisandro, sem palavras para agradecer. Que a gente continue trabalhando e pensando juntos, acho que esse momento é só o iniciar de coisas que vamos fazer coletivamente. Então, encerro essa atividade de hoje e agradeço a todas e todos. Muito obrigado.